

Desenvolvendo habilidades em notação musical a partir da composição musical para percussão corporal.

Luís Bourscheidt
IFPR / PUC-PR
luis.bourscheidt@ifpr.edu.br

Beatriz Ilari
USC – University of Southern California
ilari@usc.edu

Comunicação

Resumo: Este relato de experiência apresenta uma proposta de ensino coletivo da teoria musical que se desenvolve a partir de uma prática rítmica criativa e que utiliza a percussão corporal como ferramenta de ensino. Indo ao encontro de algumas tendências do ensino contemporâneo da música e amplamente baseada nos métodos ativos de educação musical, esta proposta foi desenvolvida a partir da observação de que a aprendizagem da teoria musical pode ser mais prazerosa – e portanto mais efetiva – quando está ligada não somente à teoria, mas também à criatividade e à prática musical corporal. A sugestão de estratégia de ensino aqui apresentada tem sido aplicada de maneira extensiva com adolescentes brasileiros entre 14 e 16 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública da cidade de Curitiba. O principal objetivo desta proposta é estimular a aprendizagem da teoria da música, sobretudo dos elementos fundamentais da leitura e escrita de música, por meio de uma atividade prática de composição musical para percussão corporal, dividida em 3 etapas. Especialmente àqueles que nunca tiveram acesso à música, perspectiva bastante comum na educação básica brasileira, considera-se que esta atividade pode ser uma “porta de entrada” para o universo da música, não somente do ponto de vista da aprendizagem da sua teoria, mas também como exercício prático de criatividade musical.

Palavras chave: ensino da teoria musical; criatividade; percussão corporal.

1. Introdução

Considerando a importância do ensino de música e de sua teoria, este relato de experiência pretende apresentar uma estratégia para o ensino da leitura e da escrita musical que está sendo desenvolvido em uma escola pública da cidade de Curitiba, sul do Brasil. Esta

estratégia pretende identificar e estabelecer procedimentos metodológicos para o ensino da leitura e da escrita de música, ou seja, para o ensino de teoria musical, sobretudo com adolescentes entre 14 e 16 anos, estudantes do ensino médio regular brasileiro.

Os dados apresentados neste relato foram coletados a partir de experiências didáticas nas aulas de música que aconteceram dentro da disciplina de artes do ensino médio. O desenvolvimento da estratégia metodológica aqui apresentada é, portanto, da observação, análise e reflexão acerca das práticas didáticas para o ensino da teoria musical para o público adolescente.

A alternativa metodológica apresentada neste relato está orientada a partir de algumas práticas comuns ao ensino contemporâneo da música. Muitos educadores musicais tem pensado, desde o início do século XX, em uma educação musical ativa, voltada para a prática (FONTERRADA, 2005; MATEIRO & ILARI, 2010; WUYTACK, 1994). Algumas abordagens didáticas tem buscado, desde então, incorporar o ensino da música à atividades musicais corporais por meio de práticas rítmicas criativas. Um dos recursos mais utilizados sob este aspecto é a percussão corporal. Nesse sentido, o presente relato propõe uma metodologia para o ensino da música, incorporando as idéias pedagógicas de importantes educadores do século XX tais como C. Orff, J. Wuytack, e EJ Dalcroze (FONTERRADA, 2005; MATEIRO & ILARI, 2010).

Este relato está baseado no pressuposto de que a aprendizagem da teoria musical pode ser mais eficiente e agradável se estiver conectada à criatividade e à experiências musicais que envolvam o corpo por meio da percussão corporal. Seguindo modelos de grupos que utilizam a percussão como recurso didático, tais como o “Barbatuques”¹, o presente relato pretende apresentar estratégias de ensino da teoria musical, baseando-se em 3 etapas: 1) O corpo sonoro e a descoberta da tessitura musical, 2) a partitura gráfica e a introdução à notação rítmica e à composição musical e 3) a transcrição e transposição para a notação musical tradicional.

¹ - Barbatuques: Descrição do grupo: “núcleo artístico e pedagógico que há quase 20 anos pesquisa e desenvolve uma linguagem pioneira de percussão corporal: a expressão musical através dos inúmeros sons que podem ser produzidos pelo corpo humano” (disponível em <http://www.barbatiques.com.br>)

2. A estratégia de ensino: os objetivos da proposta metodológica

Os objetivos da estratégia metodológica de ensino de música que segue são: 1) estimular o conhecimento corporal por meio da percussão corporal, entendendo que o corpo é o primeiro instrumento musical e que possui uma ampla tessitura sonora, 2) estimular a criatividade musical por meio da expressão e da composição musical e 3) aprender a teoria da música, a leitura e escrita musical, inicialmente a partir de uma partitura gráfica e posteriormente a partir da notação tradicional de música. A seguir são apresentadas as 3 etapas desta estratégia metodológica.

2.1 Etapa 1: o corpo sonoro e a descoberta da tessitura musical

Na etapa 1, os alunos são convidados a descobrir texturas musicais e tessituras, produzindo sons com seus próprios corpos. Inicialmente são reconhecidas as diferentes tessituras de sons possíveis de serem realizados com o corpo, separando em 3 alturas diferentes: a) grave, b) médio e c) agudo. Nesse contexto também podem ser introduzidos os elementos formais do som, uma vez que altura é um desses elementos juntamente com intensidade, timbre e duração.

Costumeiramente, os sons escolhidos para as 3 diferentes alturas musicais são:

- a) GRAVE: “Pés” - som dos pés batendo no chão (PÉS).
- b) MÉDIO: “Palmas” – bater palmas (PAL).
- c) AGUDO: “Estalo” – estalar os dedos (EST).

Evidentemente que os sons “descobertos” pela turma podem ser outros, o que implicaria numa diferente nomeação e abreviação. No entanto, para demonstrar a estratégia neste relato, escolheremos estes 3 sons básicos com alturas distintas.

Tendo descoberto os sons do corpo, existe ainda a possibilidade da realização de pequenas improvisações com esses sons, já que a prática da percussão corporal também pretende desenvolver a coordenação motora além de outras habilidades corporais. Nesse

sentido, o professor pode ser um orientador para que as atividades de improvisação possam acontecer no grupo ou também de maneira individual.

Quando os estudantes já tem o conhecimento das 3 alturas e dos seus sons correspondentes, é então introduzida a 2ª etapa da estratégia metodológica. Esta etapa será apresentada a seguir.

2.2 Etapa 2: a partitura gráfica e a introdução à notação rítmica e à composição musical

Na etapa 2 são introduzidos elementos básicos de teoria musical utilizando notações inventadas. Para isso, é necessária a utilização de uma folha de papel na medida A4. Esta folha deverá ser dobrada pela metade por 4 vezes, no mesmo sentido, na orientação de paisagem. Esta dobradura fará com que a folha fique dividida verticalmente em 16 partes iguais que poderão ser igualmente divididas em 4 grupos de 4 partes iguais.

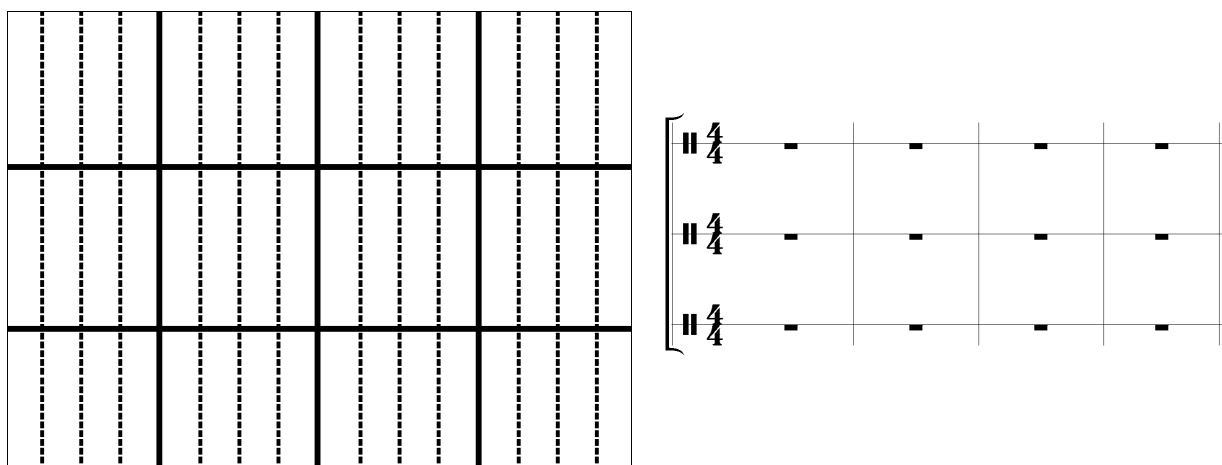
Nesse momento, são introduzidos dois conceitos musicais importantes:

- a) PULSO: pulsação, pensando nas batidas do coração ou nos ponteiros do relógio, que “pulsam” ou “batem” de forma contínua e regular, ou seja, cada batida tem a mesma duração. Este conceito, na partitura gráfica, aparecerá em cada uma das 16 partes iguais. Este espaço/tempo na partitura gráfica representará, portanto, o pulso.
- b) COMPASSO: agrupamento de cada 4 pulsos. Nesse momento também pode ser desenvolvido o conceito de compasso regular de 4 tempos (4/4) em contraposição aos compassos irregulares como 5/4, 7/8, etc.

Da mesma forma, a partitura deverá ser dividida horizontalmente em 3 partes. Essa divisão servirá para que o estudante possa inserir na partitura as 3 alturas e, portanto, os 3 sons diferentes de percussão corporal “descobertos” anteriormente: grave, médio e agudo.

A figura abaixo (figura 1) apresenta a partitura gráfica na folha A4 e a sua transcrição para a escrita tradicional de música. É importante notar que, na partitura gráfica, as linhas dos compassos (4 grupos de 4 tempos) aparecem contínuas e as linhas dos pulsos (16 tempos) aparecem tracejadas:

FIGURA 1 – A partitura gráfica: folha A4 dividida em pulsos (linhas tracejadas) e compassos (linhas contínuas) e a sua transcrição para a escrita tradicional.



Fonte – Elaboração do autor

Na sequência, a proposta metodológica sugere um trabalho de composição musical em grupo, ou seja, o professor realiza a composição no quadro e os estudantes tocam cada etapa dessa composição à primeira vista. Nessa etapa, as partituras gráficas dos alunos continuam em branco, esperando por composições individuais que deverão ser realizadas posteriormente.

O aspecto didático mais relevante da sequência metodológica que segue, justamente por se tratar de um exercício de composição e de leitura musical à primeira vista e em grupo, é o encadeamento dos diferentes graus de dificuldade introduzidos em cada etapa do processo de composição. As figuras abaixo (figuras 2, 3 e 4) mostram uma possibilidade de introduzir os 3 sons na partitura e a sua respectiva progressão em graus de dificuldade. É importante notar que os sons são apresentados na partitura gráfica com o preenchimento do espaço do tempo (pulso), enquanto os espaços de pausas (silêncios) são mantidos vazios. Da mesma forma, o exemplo que segue requer a atenção da turma para a leitura de música, uma vez que, como pode ser visto na figura 2, são apenas 4 palmas que deverão ser tocadas pela turma. A orientação metodológica nesse momento é para que o professor conduza a execução inicialmente apontando e sonorizando os pulsos na partitura no quadro e, posteriormente, com uma regência simples de 4 tempos por compasso.

FIGURA 2 – 1º som apresentado na partitura gráfica: “palmas” (PAL), no primeiro tempo de cada compasso.

Fonte – Elaboração do autor

Figura 3 – 2º som apresentado: “pés” (PÉS), no 3º tempo de cada compasso, exceto no 3º compasso. No destaque o 1º grau de dificuldade (pausa no 3º tempo do 3º compasso).


Fonte – Elaboração do autor

Figura 4 – 2º som apresentado: “estalo” (EST), no 2º e no 4º tempos de cada compasso, exceto no 4º compasso. No destaque, o 2º e 3º graus de dificuldade (3 estalos consecutivos no 3º compasso e 2 sons simultâneos [PAL e PÉS] no 3º tempo do 4º compasso).

Fonte – Elaboração do autor

Depois de executar a música composta pelo professor no quadro, os estudantes podem compor a sua própria música para percussão corporal e transcrevê-la para a notação não convencional na partitura gráfica. Nota-se que, nesse momento, os estudantes podem propor alterações de qualquer aspecto na sua música. Caso queiram, por exemplo, inserir dois sons num mesmo pulso eles poderão fazê-lo subdividindo também em duas partes o espaço/tempo do pulso na partitura gráfica. Por outro lado, caso queiram introduzir outros sons corporais além dos 3 sons apresentados pelo professor (como bater as mãos nas pernas, por exemplo), poderão fazê-lo simplesmente subdividindo sua partitura gráfica em quantas partes forem necessárias para a quantidade de sons que cada estudante/compositor desejar.

É nesse processo de composição que a criatividade é estimulada. Não só do ponto de vista da criação musical, mas também considerando as possíveis relações com outros aspectos da música que podem ser estabelecidas pelos estudantes. A exemplo disso, em uma das vezes em que a atividade foi aplicada, relata-se o caso de um dos estudantes que entregou a partitura em branco, alegando estar realizando uma releitura da célebre obra de John Cage, 4:33. Nesse caso, embora possa parecer desrespeitosa a atitude do estudante frente ao



professor, pode ser entendida, por outro lado, como interessante e criativa, na medida em que relaciona a composição da sua música – que o estudante chamou de 0:33 – com a história da música do século XX, aspecto também abordado pelo professor na aula de música.

2.3 Etapa 3: a transcrição e transposição para a notação musical tradicional

Por fim, na terceira última etapa desta proposta metodológica, os estudantes são introduzidos à notação musical tradicional. Para isso, outros conceitos podem ser introduzidos, sobretudo aqueles relacionados à escrita de música tais como pentagrama, subdivisão rítmica, sistema binário, fórmula de compasso, valores positivos (som), valores negativos (pausas), diferentes tipos de compasso, etc. Acredita-se que, depois de passar pelo processo das duas etapas anteriores, o estudante de ensino médio esteja capacitado e preparado para compreender com naturalidade estes aspectos da teoria da música, já que se tratam, de modo geral, de conceitos bastante abstratos e que dificilmente poderão ser compreendidos apenas no plano teórico. Por sua vez, o processo de transcrição de música pode ser compreendido pelo estudante da forma mais plena: como a representação gráfica do som e da música.

3. Considerações finais

A estratégia metodológica apresentada neste trabalho está sendo constantemente desenvolvida com turmas de estudantes adolescentes. Por esse motivo, pretende-se continuar documentando as experiências recolhidas durante a sua aplicação. Os resultados preliminares, fruto das observações realizadas pelo professor, sugerem que a estratégia de ensino aqui apresentada em 3 etapas pode ser eficiente, tendo em vista o envolvimento e o interesse dos estudantes nas atividades e os resultados observados. Especialmente àqueles que nunca tiveram acesso a uma educação musical formal, aspecto bastante comum nas escolas brasileiras, as atividades propostas na estratégia de ensino aqui apresentada podem ser uma porta de entrada para o universo da música, não só do ponto de vista da sua teoria, mas também como um exercício para a criatividade musical.

A notação musical proposta nesta atividade é limitada e, conseqüentemente, a transcrição para a partitura tradicional também será. No entanto, esta proposta metodológica pretende introduzir a leitura e a escrita de música, compreendendo também a amplitude dos conteúdos da teoria musical. Exemplo disso, relata-se o caso do estudante que, no processo de transcrição para notação convencional, questionou a forma de escrever as pausas – já que duas pausas de um tempo tem a mesma duração de uma pausa de dois tempos no compasso sugerido na atividade. Ou ainda, o caso do estudante que, ao subdividir o tempo (pulso) pela metade, questionou a possibilidade de representar o som com uma duração de um tempo e meio – o que em música pode ser representado pelas notas pontuadas. Nota-se que, pelo menos para estes dois estudantes, a atividade representou uma oportunidade de buscar conhecer e compreender outros aspectos da teoria da música que não foram contemplados na atividade.

Além disso, outros aspectos podem ser destacados nas observações das atividades realizadas pelos estudantes. Um deles é o fato de que, em consonância com as pedagogias musicais modernas do século XX (FONTERRADA, 2005; MATEIRO & ILARI, 2010; WUYTACK, 1982, 1994), a aprendizagem de música parece ser mais divertida – e portando mais significativa – a partir da prática. Logo, a escrita de música passa a “fazer sentido” uma vez que ela é de fato a representação gráfica do som e da música.

Finalmente, do ponto de vista da criatividade, verificou-se que na proposta metodológica aqui apresentada, o estudante se sente compositor – e realmente é – quando se expressa através e por meio da música. Nesse sentido, a atividade também se revelou interessante não só para criação (composição), mas também para as outras possibilidades de realização musical tais como a apreciação e performance musicais.

Referências

BOAL PALHEIROS, Graça. Metodologias e investigação sobre o ensino do ritmo. *Revista de Educação Musical*, Lisboa, n.103, p. 4-9, 1999.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios*. Um ensaio sobre música e educação. São Paulo: UNESP Editora, 2005.

MATEIRO, Teresa; & ILARI, Beatriz. (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX, 2010.

WUYTACK, Jos & SILSS, Judy. *Musica Activa. An approach to music education*. New York: Schott SMC, 1994.

WUYTACK, Jos. *Musica Viva*. Expression rythmique. Paris: A. Leduc, 1982.